

Juntando pedaços de vida

As pedras e outros materiais que se somam nos mosaicos de Raphael Samú, um dos maiores mosaicistas do País, estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo. No Estado, a sua obra mais conhecida está na entrada da Ufes

Raphael Samú recebe os admiradores da sua obra no atelier que tem em seu apartamento, uma cobertura de dois andares, na Praia da Costa, Vila Velha. Do local, o artista plástico paulista, radicado no Espírito Santo e reconhecido como uma dos maiores mosaicistas brasileiros pode ver o mar enquanto trabalha, muitas vezes na companhia serena e amável da mulher, Jerusa Samú, com quem tem um casamento artístico há mais de 55 anos. Além de produzir suas próprias obras, ela ajuda na colocação dos peda-

ços de alguns dos mosaicos do companheiro e confessa palpites eventuais nas combinações de cores, uma especialidade da sua formação de professora de Artes e de artista plástica.

É dali, do atelier que ocupa o seu cômodo com melhor visão do mar, que sai a inspiração, hoje, para as muitas obras que ele nunca deixou de produzir. A diferença entre o artista do presente, aos 86 anos de vida e quase 60 dedicados ao mosaico, e do passado, mais jovem e sempre requisitado, é que Samú não precisa mais se render às necessidades



doados aos amigos ou à igreja Maranata, religião que segue. “Não preciso mais vender, não quero mais vender meu trabalho. Agora, só quero me divertir com a minha arte.”

História ameaçada

A obra mais conhecida do artista sofre com o desgaste do tempo. O mural de 140 metros quadrados, em uma das entradas da Ufes, em frente à Avenida Fernando Ferrari, é o seu maior mosaico e foi concretizado no início dos anos de 1970. O desgaste da obra, reclama Jerusa, podia ser resolvido facilmente, aproveitando as orientações do marido, por grupos de restauradores da própria Ufes.

A proposta do autor com o mosaico gigante foi refletir aquele tempo e a missão da universidade, de desenvolvimento do conhecimento, da ciência – é importante lembrar que isso tudo aconteceu no período mais denso da Ditadura Militar e seus mecanismos pesados de censura. Samú conseguiu

“NÃO PRECISO MAIS VENDER, NÃO QUERO MAIS VENDER MEU TRABALHO. **AGORA, SÓ QUERO ME DIVERTIR COM A MINHA ARTE**”



econômicas. Aposentados como professores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ele e a mulher vivem sem percalços. “Agora não quero mais vender a minha obra”, dispara o mosaicista, que sempre se arriscou com sucesso por outros gêneros das artes plásticas, em especial a xilogravura em madeira e metal.

De uns tempos para cá, Samú dá todo o tempo que ainda consegue dedicar às artes para a produção de mosaicos que são



obra, entre as mais comentadas do Brasil, fruto de vários estudos, o mosaico tem uma outra representação para o artista. Samú foi professor da Ufes por 28 anos – o primeiro diretor do Centro de Artes na época da federalização do curso de Belas Artes e um dos criadores do Conselho Universitário. Como professor, ministrou as disciplinas de Gravura, História da Arte e Mosaico, esta última oferecida pela primeira vez por uma universidade.

Além do mosaico da Ufes, outras de suas obras de rua em Vitória, que podem ser vistas por todos, são a do Departamento de Estradas de Rodagem (DER-ES) e a do edifício Real Café, do Grupo Buaziz.

Paulista e capixaba

O artista maduro, reconhecido no Brasil, concretizou-se

driblar a censura e rememora a sua criação considerada visionária. O ex-professor da Ufes explica que se aproveitou da ficção das histórias em quadrinho de Flash Gordon e suas viagens interplanetárias, transformadas em realidade pela chegada do homem à lua, como símbolo do desenvolvimento de pesquisa. Os alunos de calça curta representam os meninos se transformando em homens e os números e imagens finais, os computadores ou o futuro.

Além da importância da



no Estado. Acostumado a somar pedaços, Raphael Samú começou suas aventuras com o mosaico na Cia. Vidrotil, em São Bernardo do Campo, São Paulo, depois de passar pela Escola de Belas Artes de São Paulo, na qual ingressou em 1949 como aluno, saiu formado em Escultura e, um pouco mais >>

**“ELE MOSTRA O MEU
TRABALHO POR
ONDE VAI E AS
PESSOAS ACABAM
ME CONVIDANDO
PARA EXPOR OU
QUERENDO COMPRAR
MINHA OBRA”**

tarde, assumiu a função de professor. Sua trajetória de três anos e meio na companhia paulista e na Escola de Belas Artes, no estado onde nasceu, foi interrompida quando se apaixonou por Jerusa e acabou aceitando o convite para mudar para o Espírito Santo.

Na época, a menina militante na política estudantil chamou a atenção do artista. Um mosaico que guarda no atelier, com imagem do ex-prefeito, ex-governador de São Paulo e ex-presidente da República, Jânio Quadros, o faz viajar no tempo. Ele conta que o então governador recebeu

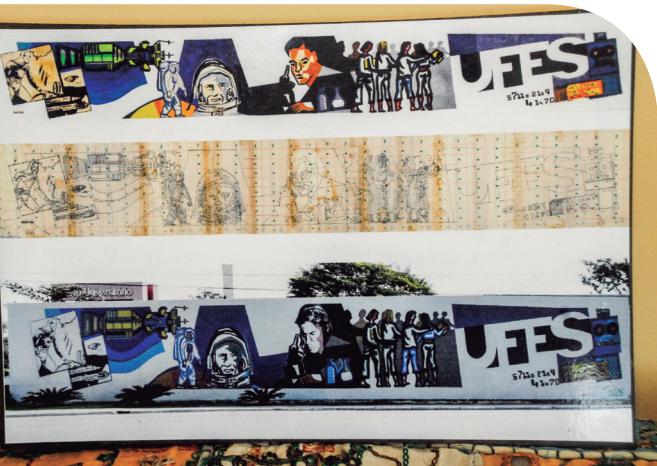


Samú e a mulher Jerusa, uma parceria de amor e de arte

um grupo de professores e alunos da Escola de Belas Artes de São Paulo, que pediam mais recursos para a instituição, e se encantou com a posição da Jerusa. Quando saíram do encontro, o governador prometeu uma bolsa para a estudante. “No outro dia, recebi uma ligação no Diretório Acadêmico.

A pessoa dizia que era o governador e eu achei, claro, que era uma brincadeira. Ele disse que tinha liberado minha bolsa. Um mês depois, o dinheiro estava na minha conta”, revela Jerusa.

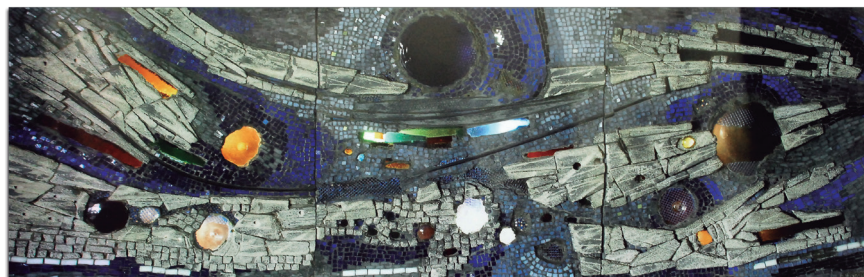
Em 1961, já casados, Jerusa e Samú mudaram para Vitória. Em pouco tempo, o artista virou



professor da Escola de Belas Artes do Espírito Santo, que seria federalizada e incorporada à Ufes mais tarde.

Pelo mundo

Para compor seus trabalhos, Raphael Samú contou com várias influências, especialmente nas muitas viagens que fez pelo mundo. No exterior, chegou a expor suas obras em mostras individuais – a última foi “A arte luminosa do Mosaico – Raphael Samú, no Museu Jan Van Der Togt, em Rotterdam, na Holanda, em 2013 –, por conta da influência do sobrinho diplomata, Alexandre Gueiros, que trabalha na Embaixada do Brasil naquela cidade. “Ele mostra o meu trabalho por onde vai e as pessoas acabam



me convidando para expor ou querendo comprar minha obra”, disse o artista.

A trajetória desse artista já meio capixaba foi contada algumas vezes, em obras sobre as artes plásticas no Espírito Santo e sobre o próprio Raphael Samú, como no livro Samú, um projeto de Marcela Belo Gonçalves, com texto de José Cirillo. Nessa pesquisa, há registro de várias obras espalhadas, principalmente, por edifícios do Centro de Vitória, mas que não resistiram ao tempo, como os belíssimos murais

do Edifício Alexandre Buaiz, de 1959, antes do artista se mudar definitivamente para o Estado, e Pescadores, na varanda de uma residência.

A pesquisa de Marcela Belo revela que Samú aprimorou conhecimentos, nos tempos da Vidrotil, na produção de obras murais em tesselas de vidro e que executou trabalhos para artistas brasileiros do peso de Di Cavalcante, Lívio Abramo, Clóvis Graciano e Cândido Portinari. O seu trabalho já foi exposto também na Bienal de São Paulo. ■



Caderno




IMPRENSA
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano V - n.º 30 • Vitória-ES • Novembro de 2015 • Bimestral

Uma vida em mosaico

RAPHAEL SAMÚ, RADICADO NO ESPÍRITO SANTO, É UM
DOS MAIS IMPORTANTES MOSAICISTAS DO BRASIL

Páginas 6, 7, 8 e 9



PONTOS DE CULTURA
EM TODO O ESTADO

Páginas 3, 4 e 5

A DURA VIDA DE
FOTÓGRAFO NA ERA
DAS SELFIES

Páginas 10 e 11

O mosaico e o Espírito Santo

Nada representa melhor o Espírito Santo do que o mosaico. A mescla cultural, a influência dos vários povos que iniciaram o povoamento do Estado, a diversidade do nosso turismo, da culinária. Enfim, as várias manifestações culturais que tomam conta de uma

Nesta edição, a arte em mosaico de Raphael Samú, um paulistano que virou um grande artista, reconhecido no Brasil e no mundo, já no Espírito Santo, onde mora desde o início dos anos de 1960, parece uma homenagem ao Estado. A obra mais conhecida de Samú e de maior porte agoniza em uma das entradas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), desgastada pelo tempo e pela falta de cuidado com sua preservação.

“A ARTE EM MOSAICO DE RAPHAEL SAMÚ, UM PAULISTANO QUE VIROU UM GRANDE ARTISTA, RECONHECIDO NO BRASIL E NO MUNDO, JÁ NO ESPÍRITO SANTO, **ONDE MORA DESDE O INÍCIO DOS ANOS DE 1960, PARECE UMA HOMENAGEM AO ESTADO.**”

Como o trabalho de Samú, destacamos os pontos de cultura do Estado, trabalhados pela Secult, a paixão pelo vinil, a relação de Cariê Lindenberg com os livros e o mercado para os fotógrafos nos tempos de *selfies* e de máquinas digitais e celulares, que registram todos os

momentos, especialmente das gerações mais jovens.

região tão pequena e de tanta importância e que transformam as terras capixabas em uma das mais interessantes do País.

Boa leitura! ■

A magia de Miró

“A magia de Miró”, no Palácio Anchieta, é mais uma exposição a brindar o público capixaba. O artista catalão, um dos mais conhecidos do movimento surrealista, assina as 69 obras. Compõem a mostra fotografias de Alfredo Melgar, que retratam um pouco da vida de Juan Miró. As ilustrações correspondem a diferentes épocas, entre 1962 e 1983. Vitória foi a oitava capital brasileira a abrigar a exposição.



Caderno D

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES
Diretor Administrativo-financeiro

SECULT
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão
Companhia de Comunicação

Fotografia
Samuel Vieira

Projeto gráfico e editoração
Comunicação Impressa

Jornalista responsável
Cláudio Rocha

Impressão
Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br